

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

ANA PAULA ANGHINONI RAMOS

A reescrita de produções textuais voltadas à preparação para o ENEM

Porto Alegre, 2016.

ANA PAULA ANGHINONI RAMOS

A reescrita de produções textuais voltadas à preparação para o ENEM

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de concentração Linguística Aplicada, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada.

Orientadora: Prof^a Dr^a Jane Naujorks

Porto Alegre, 2016.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, que me deu o dom da vida e a graça de ter nascido numa família tão amada. Agradeço, então, à minha mãe, Silvana, que cumpriu a sua função e a de pai ao mesmo tempo durante toda a minha existência, provendo-me tudo o que foi necessário, desde bens materiais até o seu infindável e incondicional amor. Ela me incentivou muito a ler, porque, como trabalhou durante muito tempo em uma livraria, sempre comprava os livros que eu queria e precisava para a escola. Agradeço por ela ter compreendido, quando, no último ano do Ensino Médio, decidi estudar Letras e ser professora, profissão bastante desvalorizada, mas agradeço por, hoje, ela ter orgulho de mim.

Agradeço ao meu pai, Flávio, por ter me mostrado a paixão pelos livros e por ter me dado grandes obras durante o curso. Ao meu companheiro, namorado, amor, Matheus, que foi o primeiro a me apoiar, lá em 2010, quando eu decidi fazer Letras, e que continuou me apoiando durante toda a graduação, suportando os fins de semana de leituras e de escritas infinitas, imprimindo trabalhos para mim e compreendendo que o trabalho de professora se dá fundamentalmente em casa. Agradeço às minhas amigas, Elisângela, Fernanda, Priscylla e Marina, por terem sido parceiras queridas nesses cinco anos e meio de curso, não deixando a peteca cair em momento algum.

Agradeço também aos professores responsáveis pela escolha desse curso: Mariângela Goulart, que me apresentou ao livro que mais amo hoje, O Continente, de Erico Verissimo; Fernando Brum, que me fez amar a literatura e Maria Isabel Xavier, que me transmitiu a sua paixão pela Língua Portuguesa e pela escrita.

À minha orientadora Jane Naujorks e coordenadora do PIBID Língua Portuguesa, que me apresentou, por meio desse projeto, a realidade da sala de aula da escola pública e a possibilidade de outro mundo ser possível. Agradeço ao Elite Pré-Vestibular e ao Anglo Pré-Vestibular por me proporcionarem as experiências significativas e enriquecedoras em sala de aula que tive e tenho nesses lugares. Aos alunos que passaram por mim e que me fizeram ser uma professora e um ser humano melhor a cada dia, especialmente aqueles que se tornaram verdadeiros amigos. Um agradecimento especial vai para a Alícia e para a Luiza, que me permitiram usar seus textos neste Trabalho de Conclusão de Curso, tornando-o, enfim, possível.

Resumo

Este trabalho tem como tema central a reescrita de produções textuais voltadas para a preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Partindo do pressuposto de que escrever é reescrever, o objetivo foi que os alunos de um curso pré-vestibular de Porto Alegre percebessem a importância da escrita e dos novos olhares que devem recair sobre ela a cada nova leitura para que percebessem, por fim, que o texto pode ser sempre aperfeiçoado. Esse trabalho foi desenvolvido em turmas de dez alunos durante quatro encontros mensais de aproximadamente duas horas cada um. Usou-se como guia a redação dissertativo-argumentativa (aquele em que se defende uma tese por meio de argumentos) e as respectivas competências requeridas pela prova do ENEM, o principal meio pelo qual os estudantes ingressam na universidade hoje. Observou-se, ao final, que os alunos melhoraram, por meio de sugestões de olhares alheios, o texto em sua segunda versão, atendendo às competências requeridas pela redação do ENEM. Concluiu-se, assim, que a reescrita é primordial em ambientes de ensino aprendizado da escrita porque um texto dificilmente estará pronto em sua primeira versão e que é preciso um grande trabalho sobre ele até que ele atinja o objetivo de defender e de provar uma tese.

Palavras-chave: produção textual – reescrita – ENEM

Resumen

La presente tesis tiene como tema central la reescritura de producciones textuales que se vuelcan para la preparación para el *Exame Nacional do Ensino Médio* (ENEM). Suponiendo que la escritura es reescritura, el objetivo fue que los alumnos de un curso *pré-vestibular* de Porto Alegre percibieran la importancia de la escritura y de las nuevas miradas que deben recaer sobre ella a cada nueva lectura para que percibieran, por fin, que el texto puede ser siempre perfeccionado. Este trabajo fue desarrollado en grupos de diez alumnos a lo largo de cuatro encuentros mensuales de aproximadamente dos horas cada uno. Fue utilizada como guía la estructura textual argumentativa (aquella en que se defiende una tesis a través de argumentos) y las respectivas competencias requeridas por el examen del ENEM, la principal vía de acceso de los estudiantes a la Universidad actualmente. Fue posible observar, al final, que los alumnos perfeccionaron, a través de sugerencias de miradas ajenas, el texto en su segunda versión, cumpliendo con las competencias requeridas por la prueba textual del ENEM. Por lo tanto, se concluye que la reescritura es esencial en ambientes de enseñanza-aprendizaje de la escritura ya que un texto difícilmente estará listo en su primera versión y que es necesario un gran esfuerzo sobre él hasta que alcance el objetivo de defender y de probar un punto de vista.

Palabras-clave: producción textual – reescritura - ENEM

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução..... | 6 |
| A produção textual e a reescrita | 9 |
| A Redação do ENEM | 12 |
| Metodologia..... | 21 |
| A análise da escrita e da reescrita dos textos dos alunos..... | 25 |
| Conclusão | 411 |
| Referências Bibliográficas..... | 423 |
| Anexos | 464 |

Introdução

Este trabalho tem como tema a escrita e a reescrita de uma proposta de redação modelo ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o qual vem sendo foco do ensino-aprendizagem nas escolas, principalmente no 3º ano do Ensino Médio, e nos cursos pré-vestibulares desde 2009, período a partir do qual o exame passou a ser a única forma de acesso ao Ensino Superior para a maioria das universidades públicas brasileiras. O objetivo do Ministério da Educação, ao criar o exame nacional, era acabar com a cultura do vestibular, o qual era visto como um grande mal à educação no Brasil, uma vez que as escolas voltavam seu ensino quase que exclusivamente aos conteúdos cobrados nas provas das grandes universidades públicas, principalmente no último ano do Ensino Médio. Assim, por meio da criação desse novo modelo de entrada na universidade, acreditava-se que se estabeleceria um diálogo maior e mais verdadeiro entre o Ensino Médio, o Exame Nacional do Ensino Médio e o Ensino Superior, pois as escolas discutiriam a relação entre conteúdos exigidos para ingresso nos cursos superiores e as habilidades que seriam fundamentais para o desempenho acadêmico futuro e para a formação humana. Dessa forma, parece ter havido uma adaptação tanto das escolas quanto dos cursos pré-vestibulares (muitos passaram, inclusive, a se chamar pré-ENEM) a essa nova forma de ingresso ao Ensino Superior. No Rio Grande do Sul, cuja principal universidade é a UFRGS, que até agora não adotou inteiramente o ENEM, ainda existe a cultura do vestibular. Vigoram, portanto, nas escolas e nos cursinhos, os dois tipos de ensino: aquele chamado mais conteudista (baseado na simples repetição de informações e de conteúdos cristalizados) voltado à prova da UFRGS, e outro que visa ao desenvolvimento das competências que o ENEM exige.

Como professora de Redação em um curso pré-vestibular e pré-ENEM, tenho de trabalhar as redações do ENEM e da UFRGS. Até a prova do ENEM, que geralmente acontece em outubro de cada ano (exceto quando há eleições, quando a prova ocorre em novembro), procuro voltar-me à sua produção textual e, a partir dali, direciono-me à produção textual voltada à prova da UFRGS. Entendendo que os alunos vêm da escola escrevendo textos dissertativos que reproduzem meros lugares-comuns, que se submetem a rígidas formas estruturais e que o texto dificilmente estará pronto em sua primeira versão, procuro incentivar os alunos a sempre reescrever, conscientizando-os de que escrever é um processo, o qual envolve trabalho e retrabalho. É, então, a

reescrita de textos voltados ao Exame Nacional do Ensino Médio o cerne desta monografia.

O meu objetivo é que, por meio da reescrita, os textos melhorem no que diz respeito aos aspectos de forma e de conteúdo de um texto dissertativo-argumentativo, o requerido pelo ENEM e por grande parte dos vestibulares que ainda existem. A tentativa de reescrita partiu do meu diálogo com todos os alunos, sobretudo com o autor do texto, sobre a primeira produção. Eu gostaria que múltiplas vozes – e não só a minha – debruçassem-se sobre o texto e construíssem juntas a avaliação da primeira escrita, a qual orientaria a reescrita pelo autor do texto. O objetivo maior, em verdade, é que os alunos, a partir de repetidas autoavaliações e de avaliações dos textos dos colegas, sejam capazes de escrever de maneira que atenda ao texto dissertativo-argumentativo desde a primeira vez, visto que, na prova do ENEM, os participantes têm apenas 5 horas e 30 minutos para resolver 45 questões de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Literatura, Língua Estrangeira, Artes, Educação Física e Tecnologias da Informação e Comunicação), 45 questões de Matemática e suas Tecnologias e ainda escrever uma redação. Segundo relatos dos próprios alunos, é inviável atender a essa demanda; portanto muitas questões, ou até mesmo a redação, acabam não sendo feitas. Ademais, realizei este trabalho no intuito de colaborar com o processo de ensino-aprendizagem de produção textual dentro do ambiente escolar e, principalmente, dentro da sala de aula de cursos pré-vestibulares, os quais comportam, como professores, um grande número de estudantes de Letras ainda não formados e, portanto, em fase de construção de sua docência. Esses espaços nos abrem oportunidades de um primeiro contato com a sala de aula e com os alunos; contudo, muitas vezes, fazem-nos entrar em conflito com nós mesmos devido àquilo que aprendemos no curso de Letras e que, todavia, não conseguimos colocar em prática em sala de aula devido às condições de ensino-aprendizagem, à ausência de materiais disponíveis, à má infraestrutura, à falta de tempo disponível, à falta de interesse dos alunos, entre outros fatores. Assim, outro objetivo aqui é tentar conciliar a teoria textual com a sua prática.

Para elaborar esse trabalho, realizei pesquisa bibliográfica sobre os conceitos de escrita e reescrita, estudei mais profundamente a prova de redação em questão e as competências nela exigidas, apontando algumas críticas. A partir desse

estudo, usei textos dos alunos em sua primeira e segunda versões e os analisei de acordo com os critérios adotados pela avaliação do ENEM; por Paulo Guedes, em *Da redação escolar à produção textual*; por João Wanderley Geraldi, em *Portos de Passagem*; por Ingedore Villaça Koch, em *Argumentação e Linguagem* e pelos Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul.

A produção textual e a reescrita

Guedes (2009) aproxima e, ao mesmo tempo, diferencia os termos *composição*, *redação* e *produção de texto*. Aproxima-os na medida em que diz que todos designam a ação de escrever textos. Diferencia-os, contudo, quando afirma que *composição* é o conceito mais antigo, ligado à gramática tradicional e à lógica formal, voltado mais à correção do processo de raciocinar do que à finalidade com que o raciocínio é proferido. É uma atividade que junta conceitos, imagens e figuras num texto que tem como única originalidade a maneira peculiar de organizar esse material *que a tradição disponibilizou*. Já o termo *redação* – utilizado pela prova do ENEM – almeja a uniformidade com os demais textos do mesmo gênero cuja linguagem deve ser limpa e organizada. Por fim, “produção de texto refere-se a produzir, transformar, mudar, mediante a ação humana, o estado da natureza com vistas a um interesse humano” (GUEDES, 2009, p. 90). A linguagem, na produção de texto, é vista como forma de ação, de processo de estabelecer vínculos e compromissos com os interlocutores, os quais dialogarão com o texto produzido, concordando, aprofundando, discordando, argumentando sobre ele. E foi justamente isso que propus em sala de aula: que os alunos conversassem com o texto lido e diretamente com o seu autor no intuito de auxiliá-lo a olhar novamente para a sua produção “num processo de permanente elaboração, para o qual concorrem dimensões extralinguísticas e interdisciplinares” (GERALDI, 1997). Guedes ainda traz quatro qualidades discursivas, quais sejam:

1) *Unidade Temática*: trata-se de escolher apenas uma questão para se abordar num texto; é a tentativa de delimitação de um tema, das partes que o compõem e das relações que essas partes estabelecem entre si. Se não houver a composição de um todo organizado, ordenado, não haverá interlocução, já que o leitor, ao iniciar a leitura do texto, por exemplo, criará uma expectativa que pode não ser atendida.

2) *Objetividade*: texto objetivo é aquele capaz de tratar de um assunto como um objeto. É imprescindível, nesse sentido, dar ao leitor todos os dados necessários para o entendimento que se quer obter. Por isso, se for preciso um diálogo com o autor para esclarecer algo, houve fracasso na comunicação a distância estabelecida por meio do texto. Guedes esclarece por fim que

O texto precisa *mostrar*, mais do que meramente dizer. Nenhum leitor tem obrigação de acreditar na seriedade e na honestidade de um autor. Pelo contrário: quanto mais experiente vai ficando o leitor, mais ele percebe que

deve suspeitar de cada palavra de cada texto que lê. O autor é que precisa mostrar-se digno de crédito, não pela solenidade de seus juramentos, mas pela eficiência de seus argumentos, pela veracidade dos fatos que relata (ou, pelo menos, pela verossimilhança, isto é, pela coerência que os faz possivelmente verdadeiros), pela consistência do enredo que foi capaz de tramar, pela vivacidade das cenas que constrói, pelo conhecimento que seu texto produz. (GUEDES, 2009, p. 109)

3) *Concretude*: essa qualidade verifica se há no texto fatos, ações, exemplos, relatos curtos de situações ocorridas, os quais dão condição ao leitor de uma concreta identificação com ele e com sua realidade.

4) *Questionamento*: trata-se de escrever sobre um problema, sobre um conflito e tentar equacioná-lo por meio de uma solução viável e executável.

Essas qualidades, segundo Guedes, são características que determinam a relação a ser estabelecida entre o texto e os seus leitores por meio do diálogo que acontece não só diretamente entre eles, mas também entre esse texto e os demais textos já lidos pelos leitores. Guedes deixa claro, entretanto, que essas qualidades discursivas não constituem uma fórmula ou uma receita, e que, sim, são um conjunto de aspectos que se manifestam no uso dos meios expressivos de que a língua dispõe.

Já o ENEM caracteriza sua redação como dissertativo-argumentativa, Koch (2000), contudo, defende que não há como separar a argumentação da dissertação, uma vez que esta se limita a expor ideias alheias, sem posicionamento pessoal, mas que a simples escolha de opiniões a serem reproduzidas é uma forma de assumir um ponto de vista, o que define a argumentação. Koch ainda ressalta que toda interação social por meio da língua é carregada de argumentatividade: avaliamos, julgamos, criticamos, formamos juízos de valor o tempo todo e, assim, por meio do discurso (quando se fala com intencionalidade), tentamos influenciar o comportamento ou o pensamento do outro e é “por esta razão que se pode afirmar que o **ato de argumentar** (sic), isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental” (KOCH, 2000, p. 19).

Baseada no pensamento de Geraldi (1993) de que a produção de textos é o ponto de partida e o ponto de chegada do processo ensino/aprendizagem, propus a escrita pelos alunos como primeira atividade e sua reescrita como atividade final, porque é a partir dela que o domínio da língua se revela tanto pelo aparecimento e reaparecimento de formas, quanto pelo “discurso que remete a uma relação

intersubjetiva constituída no próprio processo de enunciação marcada pela temporalidade e suas dimensões” (GERALDI, 1993, p. 135).

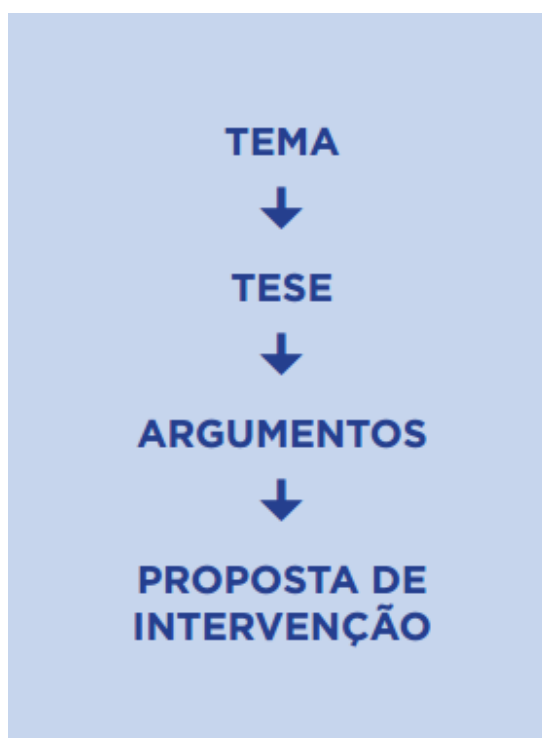
Não esperei de meus alunos a criação de um novo discurso – o qual os constitui como sujeitos – e nem a mera reprodução de um já existente. Esperei a articulação de um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma operação discursiva¹, pode trazer a novidade por meio do seu comprometimento com a palavra dita (ou escrita) e por meio de sua articulação individual com a formação discursiva de que faz parte, pois as “diferentes articulações são também responsáveis pela produção de novos sentidos que se somam aos discursos anteriores reafirmando-os ou deslocando-os no momento presente” (GERALDI, 1993, p. 136). Dessa forma, Geraldi (1993) também distingue redação de produção de texto: aquela se produz para a escola e esta se produz na escola.

¹ Nas operações discursivas, segundo Geraldi (1993), há ações que os sujeitos fazem *com* (sic) a linguagem e ações que fazem *sobre* (sic) a linguagem.

A Redação do ENEM

Divulgada em 2012 pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), a segunda versão do guia *A Redação no ENEM 2013 – O Guia do Participante* tem como objetivo auxiliar na preparação daqueles que fariam o Exame Nacional do Ensino Médio em 2013 (e em todos os anos que se seguiram, já que depois não foi divulgado outro guia). Ele traz esclarecimentos quanto aos critérios adotados na avaliação das redações, responde a dúvidas comuns dos participantes e, por fim, traz alguns textos cuja nota foi 1000 – a nota máxima. O guia traz algumas considerações, cujos comentários se fazem necessários.

Segundo o guia, a prova do ENEM exige do participante que ele escreva um texto em prosa do tipo dissertativo-argumentativo, como a maioria de todos os vestibulares, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política, no qual se deve defender uma tese, ou seja, uma opinião a respeito do tema proposto, por meio de argumentos coerentes e coesos (o porquê daquela opinião), com o uso da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa. Por fim, deve ser elaborada uma proposta de intervenção social para o tema proposto, o que significa dizer que o tema deve ser problematizado no desenvolvimento do texto. Essa explicação, trazida pelo *Guia do Participante*, é resumida pelo seguinte esquema (p. 7):



O *Guia do Participante* entende *texto* como uma unidade de sentido em que todos os aspectos se inter-relacionam para construir a textualidade (sem explicar, contudo, o que esta significa). Esse conceito é trazido para justificar a avaliação por divisão das competências: torná-la mais objetiva. São cinco as competências:

Competência 1: Demonstrar domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa.

Para explicar essa competência, o guia trouxe rápidos exemplos para mostrar a diferença entre o modo como se escreve e o modo como se fala, entre o registro formal e o informal, principalmente no que se refere à construção das frases: no registro informal, há frases fragmentadas que podem ser complementadas pelas informações fornecidas pelo contexto, pela interação; já no registro formal, como essa interação não está presente, as informações precisam estar completas nas frases. Ressalta-se também que o participante deve ser claro, objetivo e direto, empregando um vocabulário variado e preciso, além de seguir as regras estabelecidas pela modalidade escrita formal da Língua Portuguesa – sem, entretanto, explicar por que – como ilustra o quadro a seguir (p. 12):

Além dos requisitos de ordem textual, como coesão, coerência, sequenciação, informatividade, há outras exigências para o desenvolvimento do texto dissertativo-argumentativo:

- ▶ ausência de marcas de oralidade e de registro informal;
- ▶ precisão vocabular; e
- ▶ obediência às regras de:
 - concordância nominal e verbal;
 - regência nominal e verbal;
 - pontuação;
 - flexão de nomes e verbos;
 - colocação de pronomes oblíquos (átonos e tônicos);
 - grafia das palavras (inclusive acentuação gráfica e emprego de letras maiúsculas e minúsculas); e
 - divisão silábica na mudança de linha (translineação).

A partir desse olhar para o texto, é atribuída ao participante uma nota que vai de 0 a 200, dividida em seis níveis de desempenho: excelente (200), bom (160), mediano (120), insuficiente (80), precário (40) e desconhecimento da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa (0).

Competência 2: Compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo em prosa.

A explicação dessa competência começa pelo texto dissertativo-argumentativo: “tipo de texto que demonstra a verdade de uma ideia ou tese” (p. 13). Deve-se expor um aspecto relacionado ao tema – núcleo sobre o qual a tese se organiza –, defendendo uma posição sobre aquele, por isso não deve ser um texto meramente expositivo. Essa defesa se dá por meio de argumentos e de provas para convencer o leitor de que a ideia defendida está correta. Assim, é preciso expor e explicar as ideias, e eis o motivo de sua dupla natureza: argumentativo porque defende uma opinião e dissertativo porque usa explicações para justificá-la. Aqui o Guia traz “dois princípios de estruturação” (p. 16):

I - Apresentar uma tese, desenvolver justificativas para comprovar essa tese e uma conclusão que dê um fecho à discussão elaborada no texto, compondo o processo argumentativo.

TESE - É a ideia que você vai defender no seu texto. Ela deve estar relacionada ao tema e apoiada em argumentos ao longo da redação.

ARGUMENTOS - É a justificativa para convencer o leitor a concordar com a tese defendida. Cada argumento deve responder à pergunta "Por quê?" em relação à tese defendida.

II - Utilizar estratégias argumentativas para expor o problema discutido no texto e detalhar os argumentos utilizados.

ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS - São recursos utilizados para desenvolver os argumentos, de modo a convencer o leitor, como:

- exemplos;
- dados estatísticos;
- pesquisas;
- fatos comprováveis;
- citações ou depoimentos de pessoas especializadas no assunto;
- alusões históricas; e
- comparações entre fatos, situações, épocas ou lugares distintos.

Nesta segunda competência, o Guia também traz algumas recomendações ao participante como (p. 13):

- Evitar ficar preso somente às ideias dos textos motivadores (e muito menos copiá-las), pois servem apenas para estimular a reflexão sobre o tema e não para limitá-la;
- Refletir sobre o tema proposto para decidir como ele será abordado, que ponto de vista será adotado e como defendê-lo. Recomenda ainda que é bom que se reúnam todas as ideias que vierem à mente e que se as organizem em uma estrutura coerente;
- Desenvolver em cada parágrafo um tópico frasal;
- Examinar se a introdução e a conclusão do texto estão coerentes entre si;
- Utilizar informações das várias áreas de conhecimento para mostrar que se sabe o que está acontecendo no mundo;

- Evitar reflexões previsíveis, tentar sair do senso comum mostrando originalidade no desenvolvimento do tema proposto;
- Manter o foco no tema proposto, cuidando para não fugir total ou parcialmente do assunto requerido (aqui o Guia traz, por meio do tema proposto no ENEM de 2012, a diferença entre tangenciamento ao tema e fuga total ao tema).

Novamente, há seis níveis de desempenho sobre os quais o participante será avaliado: receberá 200 pontos se desenvolver o tema por meio de argumentação consistente, a partir de um repertório sociocultural produtivo e se apresentar um excelente domínio do texto dissertativo-argumentativo; receberá 160 pontos se desenvolver o tema por meio de argumentação consistente e se apresentar bom domínio do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão; receberá 120 pontos se desenvolver o tema por meio de argumentação previsível e se apresentar domínio mediano do texto dissertativo-argumentativo, com proposição, argumentação e conclusão; receberá 80 pontos se desenvolver o tema recorrendo à cópia de trechos dos textos motivadores ou se apresentar domínio insuficiente do texto dissertativo-argumentativo, não atendendo à estrutura com proposição, argumentação e conclusão; receberá 40 pontos se apresentar o assunto, tangenciando o tema, ou se demonstrar domínio precário do texto dissertativo-argumentativo, com traços constantes de outros tipos textuais e, por fim, não receberá ponto algum se fugir ao tema ou se não atender à estrutura dissertativo-argumentativa.

Competência 3: Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista.

Neste aspecto, reforça-se a ideia da elaboração de um texto que apresente a defesa de uma ideia (tese) por meio da seleção de informações, fatos, opiniões e argumentos que estejam relacionados, organizados e interpretados a serviço da sustentação da opinião. Deve haver, contudo, plausibilidade e coerência entre tudo o que for trazido no texto. O Guia apresenta, então, o conceito de coerência (p. 18):

A coerência se estabelece a partir das ideias apresentadas no texto e dos conhecimentos dos interlocutores, garantindo a construção do sentido de

acordo com as expectativas do leitor. Está, pois, ligada à compreensão, à possibilidade de interpretação dos sentidos do texto. O leitor poderá “processar” esse texto e refletir a respeito das ideias nele contidas; pode, em resposta, reagir de maneiras diversas: aceitar, recusar, questionar, até mesmo mudar seu comportamento em face das ideias do autor, compartilhando ou não da sua opinião. (Ministério da Educação, 2009, p.18)

Os seis níveis de desempenho se dividem em: apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema proposto, de forma consistente e organizada, configurando autoria, em defesa de um ponto de vista – 200 pontos; apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, de forma organizada, com indícios de autoria, em defesa de um ponto de vista – 160 pontos; apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, limitados aos argumentos dos textos motivadores e pouco organizados, em defesa de um ponto de vista – 120 pontos; apresenta informações, fatos e opiniões relacionados ao tema, mas desorganizados ou contraditórios e limitados aos argumentos dos textos motivadores, em defesa de um ponto de vista – 80 pontos; apresenta informações, fatos e opiniões pouco relacionados ao tema ou incoerentes e sem defesa de um ponto de vista – 40 pontos; e apresenta informações, fatos e opiniões não relacionados ao tema e sem defesa de um ponto de vista – 0 ponto.

Competência 4: Demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Essa competência diz respeito à estruturação lógica e formal entre as partes da redação. Observa se entre as frases e os parágrafos há uma relação coerente e se há, ao mesmo tempo, independência entre as ideias dispostas. Isso é analisado por meio dos variados recursos linguísticos existentes como conjunções, preposições, advérbios, locuções adverbiais, os quais são responsáveis por inter-relacionar as orações, frases e parágrafos e por dar continuidade a um texto coeso.

Nesta parte, o Guia explica a estruturação dos parágrafos e dos períodos e a referência. Traz também algumas recomendações: usar pronomes e sinônimos para substituir termos ou expressões, advérbios para indicar localização, usar antônimos, hipônimos, hiperônimos, expressões resumitivas e metafóricas, substituir substantivos, verbos, períodos ou fragmentos do texto por conectivos ou expressões que resumam ou

que retomem o que já foi dito e usar elipses e omissões de termos que já tenham sido trazidos no texto ou que sejam facilmente retomáveis.

Na avaliação desta competência, analisa-se se o participante articula bem (200), com poucas inadequações (160), de forma mediana (120), de forma insuficiente (80), de forma precária (40) as partes do texto ou se simplesmente não há marcas de articulação (0), o que resulta em ideias fragmentadas.

Competência 5: Elaborar proposta de intervenção para o problema abordado, respeitando os direitos humanos.

Ao trazer como tema um assunto de ordem social, científica, cultural ou política, a redação do ENEM solicita que o participante o problematize e proponha uma intervenção na vida social que possa solucioná-lo. Tal solução deve ser concreta, específica, consistente, detalhada com os meios para realizá-la, de modo que o leitor perceba a sua viabilidade e exequibilidade. É necessário ainda que ela respeite os direitos humanos, a cidadania, a liberdade, a solidariedade e a diversidade cultural.

Por fim, receberá 200 pontos quem elaborar muito bem a proposta de intervenção, de forma detalhada, relacionada ao tema e articulada à discussão desenvolvida no texto; 160 pontos quem a fizer bem; 120 quem a elaborar de forma mediana; 80 pontos quem a fizer de forma insuficiente e desarticulada da discussão desenvolvida no texto; 40 pontos quem apresentar uma proposta vaga, precária ou relacionada apenas ao assunto e 0 pontos quem não apresentar proposta de intervenção ou apresentar alguma não relacionada ao tema ou ao assunto

O Guia da Redação do ENEM, do meu ponto de vista, apresenta algumas falhas referentes ao modo como é estruturado. Apesar de, nas últimas páginas, trazer textos nota 1000, avalia-os de maneira genérica e repetida, como se vê nos comentários² reproduzidos abaixo a respeito da terceira competência que é *Selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista*.

A redação apresenta encadeamento de ideias e demonstra competência em selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de um ponto de vista: o tema é desenvolvido de forma coerente, os argumentos selecionados são consistentes e a conclusão é relacionada ao ponto de vista adotado.

Comentário à redação de Gabriela Araujo Attie - Uberlândia/MG

A redação apresenta encadeamento de ideias e demonstra que a participante soube selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de seu ponto de vista: o tema é desenvolvido de forma coerente, os argumentos selecionados são consistentes e a conclusão é relacionada ao ponto de vista adotado, pois sugere que o Brasil deve se preparar para receber bem os imigrantes, já que eles têm muito a nos acrescentar.

Comentário à redação de Larissa Reghelin Comazzetto - Santa Maria/RS

A redação apresenta encadeamento de ideias e demonstra que a participante soube selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de seu ponto de vista: o tema é desenvolvido de forma coerente, os argumentos selecionados são consistentes e a conclusão é relacionada ao ponto de vista adotado.

Comentário à redação de Caroline Lopes Dos Santos - Santa Maria/RS

A redação apresenta encadeamento de ideias e demonstra que o participante soube selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de seu ponto de vista: o tema é desenvolvido de forma coerente, os argumentos selecionados são consistentes e a conclusão é relacionada ao ponto de vista adotado.

Comentário à redação de Pedro Igor Da Silva Farias - Teresina/PI

A redação apresenta encadeamento de ideias e demonstra que o participante soube selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de seu ponto de vista: o tema é desenvolvido de forma coerente, os argumentos selecionados são consistentes e a conclusão é relacionada ao ponto de vista adotado.

Comentário à redação de Danilo Marinho Pereira - Belém/PA

A redação apresenta encadeamento de ideias e demonstra que o participante soube selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos e argumentos em defesa de seu ponto de vista: o tema é desenvolvido de forma coerente, os argumentos selecionados são consistentes e a conclusão é relacionada ao ponto de vista adotado.

² O Guia de Redação do ENEM não traz a autoria desses comentários, conforme se percebe no primeiro parágrafo da página 27 do referido guia.

Comentário à redação de Adriel Rego Barbosa - Teresina/PI

Esses comentários, quase que idênticos, demonstram a sua generalidade. Não se deu a devida atenção a cada texto e a suas particularidades: não foi explicitado como cada texto se desenvolveu, quais informações, fatos e argumentos foram organizados e interpretados em defesa de um ponto de vista, o qual também não foi mostrado. Não se disse também o que deu coerência aos textos e por que os argumentos selecionados deram consistência (que não é conceituada) àqueles. Desse modo, mesmo que haja exemplos de textos cuja nota foi 1000, o participante talvez não entenda *exatamente* o que levou a esse desempenho.

Seria interessante que, ao trazer cada uma das cinco competências, houvesse um exemplo de um texto ou de um trecho de um texto que atendesse completamente a uma delas e um texto que não o fizesse. Assim, ficaria mais claro ao participante o que se deve e o que não se deve fazer para atingir um bom desempenho.

O intuito de separar a avaliação por competências, segundo o Guia do Participante, é torná-la mais objetiva. Contudo, essa proposta de objetividade torna-se contraditória quando se propõem, por exemplo, os conceitos *excelente*, *bom*, *mediano*, *insuficiente*, *precário* para avaliar o domínio da modalidade escrita formal da Língua Portuguesa, uma vez que são expressões bastante subjetivas. Conceitua-se, de forma clara, apenas o *excelente*: Desvios gramaticais ou de convenções da escrita são excepcionalidades e não caracterizam reincidência. São trazidos *poucos*, *alguns*, *muitos*, *de forma sistemática* para tentar explicar o que seriam os outros conceitos. Todavia, continua-se sem saber, de fato, o que são *poucos*, *alguns*, *muitos* e *de forma sistemática*.

Metodologia

Trabalho no Anglo Pré-Vestibulares (curso preparatório para vestibulares desde 2000 e para o ENEM desde 2009, situado em Porto Alegre) há quatro anos como plantonista de dúvidas de Português e de Redação e como avaliadora de textos e, em 2016, tive a oportunidade de ter um Laboratório de Redação. Até 2015, havia um período de aula de Redação por semana em cada turma, além dos Laboratórios de Redação. No entanto, as aulas regulares de Redação, em grande grupo, não funcionavam como gostaríamos: os alunos não lhe davam a devida importância, o que era percebido pelas ausências em sala de aula e pela escassa produção textual. O curso, então, juntamente aos professores de Língua Portuguesa e Redação, decidiu abrir mão desses períodos e oferecer aos alunos somente Laboratórios de Redação. Estes consistem em encontros de duas horas durante quatro semanas com, no máximo, 10 alunos por grupo. Findo um ciclo, inicia-se outro. A opção de cursar o Laboratório é livre para o aluno, o que garante a oficina somente aos alunos interessados, de fato, em melhorar a escrita. São três os professores que oferecem esse trabalho, então o estudante também pode escolher com quem deseja fazê-lo. Cada um trabalha da maneira que melhor entende; não há, portanto, nada rígido a ser seguido.

Inspirada na disciplina Leitura e Produção Textual, do primeiro semestre do curso de Letras da UFRGS, em que os alunos liam e analisavam os textos uns dos outros sob a mediação e sob a orientação da professora, decidi abordar no meu trabalho uma metodologia em que a interação predominasse. Creio que, quando a conversa se dá no mesmo nível de conhecimento, a aprendizagem ocorre com mais facilidade: os alunos enxergam nos textos alheios aquilo que não conseguem ver nos seus próprios textos e, a partir daí, começam a olhar com mais criticidade para as suas produções. Segundo Geraldi (1993), as posições que a escola reproduz devem ser relativizadas para que se recupere o professor e o aluno como sujeitos que se debruçam sob um mesmo objeto – no meu caso, o texto – e para que dividam contribuições na busca pela construção do conhecimento. Assim, coloquei-me numa posição quase que de igualdade ao do aluno, uma vez que deixava claro que minhas respostas (mesmo que baseadas numa formação acadêmica e que, por isso, não podia esconder informações de que dispunha) não eram verdades absolutas a serem incorporadas pelos alunos. Isso ocorreu

comigo na disciplina de Leitura e Produção Textual e, agora, com meus alunos nos Laboratórios de Redação.

Os meus Laboratórios de Redação funcionaram basicamente do seguinte modo:

1º encontro: uma hora para a produção escrita de um texto dissertativo-argumentativo. No tempo restante, eu explicava como seriam os encontros e fazíamos uma avaliação coletiva de um texto a fim de que os alunos já soubessem como se dariam as próximas aulas;

2º encontro: análise coletiva dos textos dos alunos;

3º encontro: análise coletiva dos textos dos alunos;

4º encontro: análise coletiva da reescrita dos textos dos alunos e atribuição coletiva de uma nota a cada texto.

Eu tentei deixar claro, já no primeiro encontro, que essa análise coletiva dos textos dos alunos se daria única e exclusivamente com o propósito de melhorar a escrita de cada um. Portanto, ninguém estava ali para fazer juízo de valor sobre a opinião de ninguém e nem sobre seus conhecimentos. A leitura pública de todos os textos teria, assim, um propósito: o aprimoramento dos textos a fim de sanar as dificuldades. Conforme esclarece Guedes (2009), tentei, nessa prática, não ser juíza nem psicóloga:

A alegação costumeiramente usada para a leitura pública apenas dos bons textos (o mais criativo, o mais objetivo, o mais bem estruturado) revela justamente que o pedagógico só pode acontecer no âmbito do público: costuma-se dizer que só devem ser lidos os bons textos para não envergonhar os que não sabem escrever – que deveria estar ali para aprender, mas são tratados como incapazes de aprender – e para não expor os dramas íntimos do aluno à turma toda. Ambos os procedimentos desobrigam o professor de ensinar: ele ou julga, como um juiz ou um crítico; ou compreende, como um psicólogo. (GUEDES, 2009, p. 51)

Contudo, alguns alunos, depois do primeiro encontro, não mais voltaram. Não sei exatamente por que: se foi devido à timidez, à metodologia que seria usada em aula ou à não empatia comigo.

Eu fazia 10 cópias de todos os textos dos alunos para que todos pudessem lê-los e fazer suas anotações. Começava perguntando quem gostaria de ser o primeiro a ler seu texto naquele dia. Geralmente alguém, com um pouco de vergonha, manifestava-se; se isso não acontecia, eu escolhia aquele de quem eu tinha conhecimento prévio de que

não se importaria. Primeiro líamos o texto individual e silenciosamente, e aqueles que quisessem escreviam seus apontamentos. Feito isso, eu iniciava a leitura em voz alta e, juntos, analisávamos frase por frase, palavra por palavra: sua adequação gramatical, sua posição na estrutura textual, sua utilidade para o texto, tendo como base as competências requeridas pela redação do ENEM. Os nossos olhares atentaram mais, contudo, para a completude, para a relevância e para a organização das informações dispostas no texto. Cada vez que tínhamos de recorrer ao seu autor para esclarecer algum dado necessário à compreensão da escrita, percebíamos que o diálogo exigido pela natureza da produção escrita – o qual ocorre à distância – não havia ocorrido de forma eficaz, já que, como ressalta Koch:

O discurso, para ser bem estruturado, deve conter, implícitos ou explícitos, todos os elementos necessários à sua compreensão, deve obedecer às condições de progresso e coerência, para, **por si só** (grifo meu), produzir comunicação: em outras palavras deve constituir um texto. (KOCH, 2000, p. 21)

À medida que aconteciam os encontros, a proximidade da turma e a liberdade para comentar o texto aumentavam, mantido sempre o mesmo respeito. Eu indagava a opinião dos alunos acerca de tudo: desde uma palavra escolhida pelo autor até o texto como um todo. Muitos foram os comentários como “Eu gostei”, “Achei bom”. “Ideias criativas”, os quais eram genéricos e pouco baseados em critérios objetivos, o que nos levava a não ter o mesmo entendimento de cada palavra ou frase. Então, eu, insatisfeita, perguntava: “Por que tu gostou?”, “Gostou exatamente do quê?” “Me aponta o que te levou a gostar desse texto”, “Onde está a problemática desse texto?” (já que a redação do ENEM requer do aluno a problematização de uma questão de ordem social, científica, cultural ou política e uma solução viável que respeite os direitos humanos, a cidadania, a liberdade, a solidariedade e a diversidade cultural) “Que argumentos, que frases nos convencem de que existe essa problemática de fato?” “Ele traz uma solução? Em que linha isso é visto? É viável?”. Desse modo, os alunos percebiam que não se baseavam em algo concreto para avaliar os textos. A partir desses questionamentos, houve uma progressiva mudança de olhar dos colegas e do próprio autor do texto, o qual geralmente anotava tudo o que lhe era dito. O meu papel nesse contexto era simplesmente fazer essas indagações para que eles, autônomos, percebessem o que faltava e o que sobrava em cada texto. Também, é claro, aponte

devido ao meu olhar um pouco mais atento e experiente – alguns aspectos que não foram vistos pelos alunos. Depois de toda a conversa – que às vezes passava de uma hora –, as orientações para a reescrita eram sistematizadas e passávamos à próxima produção.

Como o que importa mesmo para o aluno é uma nota, um número, e não toda a análise que fora feita sobre o texto dele, o combinado é que só se daria nota aos reescritos, os quais seriam novamente analisados e avaliados pelo grupo no último encontro. Essa análise se dava com as duas produções em mãos, a escrita e a reescrita, e por meio de uma comparação entre as duas. O olhar se voltava agora para o que mudou, para a contribuição das nossas falas, para a completude, para a relevância e para a organização das informações dispostas no texto observando se a nova produção não foi uma mera correção de desvios gramaticais já que isso pouco nos interessava inicialmente.

Analisarei, portanto, no próximo capítulo, algumas escritas e reescritas.

A análise da escrita e da reescrita dos textos dos alunos

Escolhi dois textos e suas respectivas reescritas para analisar nesta monografia: o da Alícia e o da Luiza. Essas alunas me permitiram, oficialmente³, utilizar suas produções neste trabalho. Elas participaram de Laboratórios de Redação diferentes, portanto elas não foram colegas.

Alícia tem 16 anos de idade, é filha de pai empresário e de mãe empregada doméstica. Como os pais são separados, ela vive apenas com a mãe, mas vê o pai com frequência. Esse sempre teve condições de lhe pagar os estudos, por isso Alícia sempre estudou em colégios particulares: Maria Imaculada e São Judas Tadeu, onde se formou no Ensino Médio. Ninguém na sua família cursou o Ensino Superior, mas ela pretende mudar esse cenário: quer ser médica.

Segundo Alícia, as aulas de Língua Portuguesa na escola eram baseadas na gramática normativa. Cada aluno tinha a sua em mãos e estudavam por ela, fazendo exercícios sobre o que ali estava. As avaliações, contudo, eram provas do vestibular da UFRGS, ou seja, a professora cobrava-lhes, muitas vezes, algo que eles ainda não tinham estudado. As práticas de produção textual eram quase inexistentes: escrevia-se esporadicamente sobre algum tema, pouco se aprendia sobre o texto dissertativo-argumentativo e sobre o modo de avaliação do ENEM e da UFRGS, provas prestadas pela maioria dos estudantes que terminam o Ensino Médio. As práticas de leitura de Alícia também não foram excelentes: ela lia somente o que a professora mandava (os livros que eram de leitura obrigatória para o vestibular da UFRGS) e fazia uma análise escrita de cada um.

Luiza tem 17 anos de idade, é filha de pais dentistas e professores universitários no curso de odontologia da ULBRA. É trigêmea, com mais dois irmãos homens. Apesar de não lerem muito, seus pais sempre lhe influenciaram à prática da leitura e, por possuírem muitos livros em casa, ela concretizou esse desejo dos pais. Luiza ainda não tem certeza do que quer estudar, mas pensa em cursar algo na área de humanas, como Ciências Sociais.

Luiza sempre estudou no colégio Pastor Dohms. Relata que, no último ano do Ensino Médio, ela escreveu, no máximo, quatro textos, os quais não lhe foram

³ Autorizações de cada uma delas, por escrito, nos Anexos 1 e 2

devolvidos. Aprendeu pouco sobre um texto dissertativo-argumentativo e sobre as redações do ENEM e da UFRGS. A opção que a escola oferecia era ir, no turno inverso ao da aula, conversar com a professora sobre as produções textuais. Depois de passada a prova do ENEM, a escola proporciona aos alunos uma espécie de revisão para a prova da UFRGS, e foi neste momento que Luiza teve contato com a produção textual requerida por essa prova.

A ordem de análise aqui escolhida foi meramente alfabética. Começamos, pois, olhando para os textos da Alícia:

A Alícia participou do primeiro ciclo do Laboratório de Redação das quartas-feiras, cuja proposta de escrita versava sobre “De que forma a humanidade deve tratar a realidade da superpopulação?”⁴, tema do vestibular da UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo) de 2009. Eis a sua primeira e segunda produções, respectivamente:

⁴ Proposta na íntegra no Anexo 3

Nome: Alicia Santos Nota Final: _____
 Turma: _____ Tema: 6 Data: 16/03/16



O CURSO
QUE MAIS
APROVA NÓS

A vida do mundo moderno

01 A superpopulação é uma fusão de diversos fatores: econômicos, culturais, sociais e, principalmente, na área da ciência. Conforme o mundo avança, a medicina evolui e a qualidade de vida aumenta, resultando em uma expectativa de vida cada vez maior e, como consequência, menos mortes.

05 Atualmente, a média de filhos por casal em países emergentes e desenvolvidos é de um a dois. A causa principal é a inclusão de mulheres no mercado de trabalho. A maternidade no mundo moderno é cada vez mais tardia. Entretanto, em países subdesenvolvidos a taxa de natalidade continua elevada, assim como a taxa de mortalidade.

10 A realidade da superpopulação envolve desde problemas ambientais, até a falta de espaço para moradias em metrópoles. Mesmo controlando a natalidade, não há como reverter a superpopulação, à medida que ela faz parte da sociedade moderna. Devemos saber conviver e reajustar nesse cenário conforme o aumento populacional.

15 No ponto de vista econômico, quanto maior a população, maior o consumo e, consequentemente, maior o poder das multinacionais.

20 Para lidar com esse problema inevitável, necessita-se de métodos mais rigorosos de controle de natalidade em lugares mais pobres, melhor distribuição de renda, essa que se concentra nas mãos da minoria da população, controle do consumo por habitante, indústrias sustentáveis, diminuição do impacto ambiental e, principalmente, consciência ambiental e social.

25

30

Nome: Alicia Sentes Topa Nota Final: 2,50
 Turma: LAB Tema: 06 Data: 03/03/16



A vida do mundo moderno



⁰¹ A superpopulação é uma fusão de diversos fatores: eco-
nômicos, culturais, sociais e, principalmente, científicos. Conforme
o mundo avança, a medicina e suas técnicas evoluem, resultando em uma
expectativa de vida cada vez maior e, consequentemente, em uma queda de ⁰⁵
mortalidade. Entretanto, o que não ocorre é o aumento da qualidade de vida em pro-
porções iguais. O aumento populacional acentua um grande problema: a má
distribuição de renda, alimentos e investimentos.

Atualmente, após o término do "Baby Boom", a média de filhos por ca-
sal em países emergentes e desenvolvidos apresenta uma relativa queda. Isso
¹⁰ ocorre devido à entrada da mulher no mercado de trabalho, à qual busca au-
tonomia e estabilidade econômica, que resulta em uma maternidade tardia
e em uma diminuição do número de filhos.

A superpopulação em si não é um problema, mas sim o modo
como vivemos. Existem formas de lidar e de minimizar os impactos res-
¹⁵ tantes desse contingente populacional. O consumo consciente e sustentável, por
exemplo, é imprescindível para poupar os recursos naturais. Do ponto de
vista social e econômico, a superpopulação evidencia a má distribuição
de renda, a medida que o poder e a riqueza estão concentrados na mão
da minoria. Os países com as maiores taxas de natalidade são ape-
²⁰ les que mais contribuem para a economia mundial - Com a mão de
obra, por exemplo - Contudo, são os que menos usufruem da riqueza
gerada.

Para conviver com a superpopulação, é necessário uma reavaliação
do sistema político-econômico mundial como forma de distribuir melhor
²⁵ a renda, começando com o pagamento justo a trabalhadores dos países
integrantes dos Nove Tigres Asiáticos - Indonésia, Vietnã, Malásia, Tailândia
e Filipinas -, onde há uma evidente exploração, se assemelhando ao
ocidente e decadente sistema escravocrata.

30

Como dito anteriormente nesta monografia, Guedes (2009) traz quatro qualidades básicas que um texto tem de ter: unidade temática, objetividade, concretude e questionamento. Este, portanto, é o olhar que terei para a análise do texto da Alicia.

Guedes enfatiza que o questionamento faz parte da natureza específica do texto dissertativo porque este deve apresentar ao leitor uma problemática e uma solução para esse impasse ou um caminho pelo qual se possa resolvê-lo. O autor coloca, portanto, um obstáculo, um problema, um enigma diante do leitor.

Ao trazer como competência *Elaborar uma proposta de conscientização para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos*, o ENEM também ressalta a importância da problematização sobre o tema proposto e a sua solução.

Ao ler o primeiro parágrafo do primeiro texto da Alícia, a introdução, percebe-se que não há problemas a serem enfrentados, bem pelo contrário: *o aumento da qualidade e da expectativa de vida agradam a qualquer um*. Além disso, não fica claro o que é superpopulação – ou seja, não há *definição*, uma das atitudes dissertativas trazidas por Guedes (2009)⁵ - e do que esse fenômeno decorre, sabe-se apenas que advém de fatores econômicos (explorados ao longo do texto), culturais, sociais (explorados também ao longo do texto) e, principalmente, científicos, esses últimos explicitados na relação que ela estabelece com o avanço da medicina. Contudo, ao reescrever seu texto, Alícia esclarece que, apesar do aumento da expectativa de vida, não ocorre o aumento da qualidade de vida (o que em si já é um problema), além de explicitar que a superpopulação agrava o grande impasse da má distribuição de renda, de alimentos e de investimentos. Percebeu-se, agora, a presença de questionamento no texto da Alícia.

O segundo parágrafo é composto de frases fragmentadas, que não explicitam a relação que existe entre elas: na linha 7, não fica claro do que *a inclusão de mulheres no mercado de trabalho* é causa e não se percebe uma relação explícita de concessão que o nexos *entretanto* quer causar. Como um todo, o parágrafo parece contrário à ideia de que há superpopulação, pois traz o argumento de que a taxa de natalidade diminuiu. Assim, não há aqui objetividade – caracterizada por Guedes como

⁵ (d) a definição, finalmente, está, ao mesmo tempo, no fim desse processo todo (comparação, análise, classificação) por se constituir em um enquadramento de um ser singular no grupo a que pertence (o que implica a necessidade de recorrer aos processos anteriores para identificá-lo em suas semelhanças e diferenças com os demais seres com que se relaciona), e no seu ponto de partida, na medida em que se estabelece a identidade (sua diferença com relação aos demais integrantes do mesmo grupo) do elemento singular inicial que deu início a todo o processo. Todo o conhecimento, toda ciência podem ser resumidos em um contínuo processo de definição e redefinição de dados.

“a existência de um conjunto de valores a partir dos quais as questões particulares tomam sentido, isto é, a existência de um ponto de vista” (p. 277) –, já que Alícia parece não ter sabido de onde devia considerar os fatos, dados e argumentos de que dispõe, ou seja, este parágrafo parece não estar a serviço da problematização deste tema. Somente na última frase surge a informação de que a queda da taxa de natalidade não ocorre nos países subdesenvolvidos, onde há também elevada taxa de mortalidade. Em sua reescrita, Alícia precisa em que *atualmente* nos encontramos: após o término do Baby Boom. Segundo Geraldi (1993), “pela explicitação, em certo sentido retoma-se o que foi dito abreviadamente apresentando-se cada um dos aspectos envolvidos ou precisando-se a afirmação anterior” (p. 206). As frases antes fragmentadas passam agora a ter uma relação de sentidos que se complementam: o pronome demonstrativo *isso* – chamado por Geraldi (1993) de “operador de condensação” (p. 204), que retoma tudo aquilo que se disse antes ou parte do que se disse e permite prolongar o dito, oferecendo novas especificações – é usado para introduzir a causa e suas explicações detalhadas sobre a queda da taxa de natalidade. Alícia, contudo, descarta as únicas informações deste parágrafo – as elevadas taxas de natalidade e de mortalidade em países subdesenvolvidos – que estavam a serviço de sua tese (a falta de qualidade de vida causada pela superpopulação).

No terceiro parágrafo, percebe-se a falta de relação entre a primeira e a segunda frase: a primeira traz os problemas ambientais advindos da superpopulação, e a segunda traz a irreversibilidade da superpopulação, uma vez que ela faz parte da sociedade moderna – sem, contudo, explicar por que ela é realmente irreversível visto que fazer parte da sociedade moderna não é algo, de fato, inevitável. Segundo Koch, quando se usam operadores argumentativos como *mesmo que*, como Alícia usou,

o locutor admite que um enunciado seja argumentativamente utilizável a favor de certa conclusão, isto é, reconhece a legitimidade dessa tendência atribuída ao destinatário, a um enunciador virtual ou à opinião pública, mas, ao mesmo tempo, recusa esta conclusão oposta. Neste sentido, toda concessão tem um valor justificativo; o fato de se incorporarem ao discurso as objeções (argumentos possíveis) do adversário real ou virtual confere às próprias teses uma seriedade e uma imparcialidade que não teriam se apresentadas de maneira peremptória. (KOCH, 2000, p. 150)

Assim, quando escreve *Mesmo controlando a natalidade*, Alícia deixa claro que esse argumento seria utilizável em favor de alguma opinião – a de que o controle da natalidade não reverteria a situação da superpopulação – reconhecendo ser ele plausível,

mas o traz para discordar dessa opinião. Ainda nessa frase, faz uso inapropriado do operador *à medida que* (que tem valor de proporção); falamos, portanto, que o uso adequado seria o do *na medida em que*, o qual tem valor de causa. Evidencia ainda neste parágrafo que, depois da irreversibilidade da superpopulação, o que nos resta é conviver com ela e reajustar nosso cotidiano a ela – sem, de novo, explicitar por que reajustá-lo e quais práticas seriam necessárias nesse reajuste. Depois dessa pista – o mero convívio - de proposta de solução (a quinta competência requerida pelo ENEM), Alícia cita os benefícios da superpopulação, gerados pelo alto consumo, para as multinacionais. Novamente, essa ideia não foi aprofundada e melhor explicada e nem estabeleceu relação com a anterior, o que, mais uma vez, caracterizou a falta de objetividade, já que Alícia dispõe de fatos que não conseguiu organizar. Ao reescrever seu texto, ela exclui as ideias dos problemas ambientais e da irreversibilidade da superpopulação, já que ela não os desenvolveu. Ressalta agora que não é propriamente a superpopulação o problema, mas sim o *modo como vivem*, mas aí fica-se sem saber *quem vivem*. Traz, então, o exemplo do consumo consciente e sustentável como forma de minimizar os impactos causados pela superpopulação a fim de poupar os recursos naturais. Os “operadores de exemplificação”, segundo Geraldi (1993), suspendem o curso do que se vem tratando e ao mesmo tempo se integram a ele, “funcionando como explicitação do que se está dizendo”. Ainda, segundo Guedes, os exemplos, as ilustrações, as analogias, as comparações, as imagens que o texto dissertativo usa o tempo todo para construir seus conceitos são necessários para dar-lhe *concretude* – outra qualidade dissertativa concebida pelo autor. Alícia inova, em relação à primeira escrita, ao trazer a reflexão acerca da desigualdade social – a concentração de riquezas nas mãos de uma minoria -, que é outro impacto causado pela superpopulação, mostrando novamente que não é o grande contingente populacional o problema, mas aquilo que dele decorre. A favor desse argumento traz outro exemplo: países mais pobres – e que têm as maiores taxas de natalidade – são explorados para enriquecer a economia mundial, sem sequer usufruir das suas riquezas. Ao fim, Alícia exclui a frase que relacionava o aumento da população ao aumento do consumo e do seu lucro para as multinacionais.

No quarto e último parágrafo do texto, a conclusão, Alícia retoma a ideia de que a superpopulação é um problema inevitável, trazendo, entretanto, uma proposta que pareceria evitá-la: *métodos mais rigorosos* (os quais não são exemplificados) de

controle de natalidade em lugares mais pobres. Ademais, mostra soluções – melhor distribuição de renda, controle do consumo (do quê?) por habitante, indústrias sustentáveis, diminuição do impacto ambiental (como?) e consciência ambiental (como?) – que incidem sobre os impactos causados pela situação da superpopulação, como os ambientais e os econômico-sociais, embora não tenha trazido estes últimos no seu texto. Ao reescrever, Alícia propõe políticas que visem à melhor distribuição de renda, como o pagamento justo aos trabalhadores dos Novos Tigres Asiáticos, onde ocorrem trabalhos análogos à escravidão devido à grande exploração sofrida (trazida por ela no penúltimo parágrafo). A comparação é trazida por Guedes como uma das atitudes dissertativas – além da análise, da classificação e da definição – que um texto deve ter: “ela se ocupa de verificar semelhanças e diferenças e está na base de qualquer tentativa de compreender a realidade, de organizá-la para nela nos orientar.”

De maneira geral, o texto da Alícia melhorou bastante: há uma tese com uma problemática na introdução sobre a qual ela argumentou no terceiro parágrafo, atendendo, assim, à terceira competência requerida pelo ENEM (selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista); as frases apresentam uma melhor coesão sequencial estabelecida por meio de operadores de argumentação, o que mostra atendimento à quarta competência do ENEM (demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação) e as propostas de solução apresentadas condizem com os problemas tratados, ou seja, atende também a quinta competência (elaborar proposta de conscientização para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos). Alícia também atende à primeira competência (demonstrar domínio da norma culta da língua portuguesa), visto que quase não possui desvios gramaticais e à segunda competência (compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo), uma vez que traz questões sociais, como a desigualdade social e a má distribuição de renda, questões relacionadas à organização do espaço mundial, como os Novos Tigres Asiáticos, e à economia, como a proposta de um novo sistema político-econômico. Contudo, o segundo parágrafo parece ainda não estar a serviço da tese que ela pretendia defender, já que explicita a diminuição da população.

Os textos da Luiza

A Luiza participou do primeiro ciclo do Laboratório de Redação das terças-feiras. A proposta de escrita era a mesma da turma da Alícia: “De que forma a humanidade deve tratar a realidade da superpopulação?”. Eis a sua primeira e segunda produções, respectivamente:

Nome: Luiza Ferreira Kramer Nota Final: 760
Turma: EX-5 Tema: 6 Data: 19/03/15



O futuro da Superpopulação

01 Nosso planeta já supera a superpopulação, com a marca de mais de sete bilhões de habitantes, mas mesmo assim as previsões são somente de aumentar ainda mais no futuro. Isso porque poucas medidas efetivas estão sendo tomadas em relação a isso, embora

05 seja um assunto muito discutido e realmente importante.

A superpopulação traz diversas consequências para diferentes setores da sociedade, como a desigualdade de renda e a precariedade de condições em que várias pessoas vivem. Outro problema é a escassez de alimentos, isso pois além da demanda ser enorme e não haver recursos naturais suficientes (que acarreta o desmatamento e a poluição), ocorre a má distribuição. Ou seja, muitos com pouco e poucos com muito.

10 Na China existia a lei do filho único, para tentar diminuir o ~~total~~ número de seus habitantes. A lei acabou sendo revogada por diversos motivos, mas um deles foi porque não resolveu o problema por inteiro. O mais importante nisso tudo, além de diminuir o crescimento, é realmente tentar gerar condições iguais para todos terem uma vida mais digna.

20 Para isso acontecer, várias mudanças devem acontecer. O governo deve tomar medidas que visem uma sociedade menos desigual, como incentivos a pessoas de baixa renda e iniciativas de conscientização a população. Além disso, as crianças devem desde cedo aprender sobre a realidade do mundo e começar a fazer coisas ao seu alcance para ajudar, como evitar o desperdício de alimentos. Só assim um dia conseguiremos viver num mundo sem tantos problemas causados somente por existir.

30

| | |
|------------------------------------|-------------|
| Nome: Luiza Feneira Kramer | Nota Final: |
| Turma: EX-5 Tema: 6 Data: 04/04/16 | |



A Superpopulação é mesmo um problema?

01 Nosso planeta já supera a marca de sete bilhões de habitantes, caracte-
 05 rizando o (problema) da superpopulação. No entanto, o povo ainda
 está inconsciente em relação a esse problema, e as previsões são
 somente de aumentar ainda mais esse número. Isso porque poucas
 10 medidas efetivas estão sendo tomadas, embora seja um assunto mu-
 15 to importante.

A superpopulação traz diversas consequências, como a desigualdade
 de renda e a precariedade de condições em que várias pessoas
 vivem. Um problema é a escassez de alimentos, pois, além da
 10 demanda ser enorme e não haver recursos naturais suficientes
 15 (que acarreta o desmatamento e a poluição), ocorre a má dis-
 tribuição.

Uma possível solução para resolver esse problema foi o que a
 China fez com a lei do filho único. Porém, ela só diminuía o
 15 número de seus habitantes e não resolve todas outras consequên-
 20 cias, assim foi revogada. O mais importante nisso tudo é tentar
 gerar condições de vida ideais para todos, independentemente
 do número e crescimento populacional.

Para isso acontecer, várias mudanças devem ocorrer, princi-
 20 palmente por parte dos governos. Ou seja, medidas que visem
 a uma sociedade menos desigual em termos de renda, para
 elevar a qualidade de vida. Medidas, também, que contribuam
 para uma melhor distribuição de alimentos, sem desperdícios.
 Só assim perceberemos que o problema em si não é a super-
 25 população, mas a desigualdade e outras consequências que
 são geradas.

30

Ao lermos o primeiro parágrafo da primeira versão do texto da Luiza, percebemos que ela já nos apresenta, implicitamente, uma problemática (o

questionamento sugerido por Guedes) a ser enfrentada: a superpopulação. Ela deixa implícito que essa temática é um problema visto que traz a frase *poucas medidas efetivas estão sendo tomadas em relação a isso* - não se tomam medidas para algo que não seja um impasse. Ao analisar a primeira frase do texto, o grupo não simpatizou com o verbo *superar* já que, nessa frase específica, ele leva a entender que a superpopulação é caracterizada por um número igual ou superior a x , mas Luiza não apresentou esse número. Por isso, sugerimos que, na reescrita, ela trouxesse o número que caracteriza a superpopulação e assim ficou sua nova versão: *Nosso planeta já supera a marca de sete bilhões de habitantes, caracterizando o problema da superpopulação*. Observa-se que agora ela trouxe o número específico que caracteriza a superpopulação, o que atribui ao texto concretude e objetividade, e ainda explicitou que isso é um problema. Além de deixar a frase mais clara, ao trazer esse número, Luiza mostra que domina a segunda competência do ENEM (compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo), pois revela um conhecimento de organização do espaço mundial. Em se tratando do uso de nexos, Koch (2000) revela que as proposições

discretivas são aquelas em que se fazem julgamentos diferentes nas duas proposições, ligadas por partículas como **mas**, **entretanto** e semelhantes. A verdade dessas proposições depende da verdade de ambas as partes e da oposição que se estabelece entre elas (KOCH, 2000, p. 127)

Luiza une a primeira frase à segunda do seu texto por meio de dois nexos (*mas* e *mesmo assim*) cujo significado é o mesmo: oposição. Apesar de ambas as frases (*Nosso planeta já supera a marca de mais de sete bilhões de habitantes* e *as previsões são somente de aumentar ainda mais no futuro*) serem verdadeiras, o que garante a verdade a essas proposições, a oposição que se estabelece entre elas não é clara dado que não se espera que, com mais de sete bilhões de habitantes na Terra, a sua população diminua. Sugerimos, assim, que Luiza não mantivesse a relação de oposição entre essas frases em sua reescrita. Em outra frase em que quer demonstrar uma relação de oposição, Luiza o faz de maneira adequada por meio do uso do conectivo *embora*: se é um assunto importante e muito discutido, espera-se que medidas efetivas para resolvê-lo estejam sendo tomadas. Ao encadear as frases por meio do *embora*, Luiza quebra essa

expectativa. Ainda em relação aos nexos, Koch (2000) menciona que as relações lógicas “causais são as proposições ligadas por conectivos causais, como **porque** ou **a fim de que**”. Luiza estabelece bem essa relação ao trazer que o número da população só tende a aumentar porque poucas medidas efetivas estão sendo tomadas em relação a essa problemática. Ao articular bem as partes dos textos e ao apresentar repertório diversificado de recursos coesivos, Luiza comprova que domina quarta competência do ENEM: demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação.

Depois de ter mostrado que a superpopulação constitui um problema, Luiza deve provar esse fato por meio de uma argumentação consistente. Contudo, o que ela traz são os problemas decorrentes da superpopulação, mas não a apresenta como um problema por si só – ponto de vista este que ela poderia ter deixado claro já na introdução. A primeira frase do segundo parágrafo gera uma estranheza em quem a lê: desigualdade de renda e precariedade de condições de vida parecem exemplos de *setores* da sociedade atingidos pelas consequências da superpopulação. Por isso, sugerimos que ela deslocasse esses exemplos para imediatamente após *consequências*, pois tornaria o texto mais claro e coeso. Ainda assim, ela deixa de analisar como, de fato, ocorre essa relação de causa e consequência, pecando, portanto, no que diz respeito à objetividade, porque não se mostra digna de crédito, ou seja, pode-se duvidar se essa relação realmente existe. Luiza ainda traz outros problemas decorrentes da superpopulação: a escassez de alimentos, que se dá devido à grande demanda e à inexistência de recursos naturais suficientes, e a má distribuição. Não há neste parágrafo outra explicação: ela traz o desmatamento e a poluição como implicações da falta de recursos naturais, mas não esclarece como essa relação se dá. Na reescrita, essas elucidações infelizmente não aparecem, o que corrobora a falta de objetividade do texto. A última frase deste parágrafo tenta estabelecer uma relação com a má distribuição (do quê?), contudo, por não deixar claro quem são esses *muitos* e esses *poucos* e o que é que muitos têm e outros não, ela não é objetiva e nem contribui para o que ela quer defender.

O terceiro parágrafo parece quebrar a unidade temática do texto: Luiza vinha tratando de problemas decorrentes da superpopulação e, repentinamente, sem usar nexos para costurar os parágrafos, aborda uma tentativa de solução usada pela China

para diminuir o número de seus habitantes. Depois disso, explica que o que se tem a fazer é criar condições de vida iguais para todos terem uma vida digna. Desse modo, propomos à Luiza que iniciasse esse parágrafo de forma a retomar o problema, como ela o fez na reescrita e que usasse algum nexos de oposição entre as frases para mostrar que a referida solução não foi eficaz.

O último parágrafo se inicia retomando, por meio do operador de condensação *isso*, a última frase do parágrafo anterior: para que todos tenham uma vida mais digna, são necessárias mudanças. Então, por meio da explicitação, que, segundo Geraldi (1993), “não se trata de uma repetição, nem mesmo de uma expressão correferencial, mas de uma forma de ‘enumeração’ que concretiza, em cada uma das enumerações, o que foi referido pela expressão explicitada,” Luiza traz exemplos dessas mudanças: o governo deve dar incentivos às pessoas de baixa renda e conscientizar a população. Fica-se sem saber, contudo, *a que* esses incentivos serão e *sobre o que* será essa conscientização. Por meio do nexos *além disso*, ela mostra mais medidas que devem ser tomadas, sem, entretanto, detalhá-las, conforme requer a quinta competência do ENEM. Ao reescrever, Luiza, em vez de detalhar as propostas como o grupo havia sugerido, decide trazer outras que visam a uma sociedade menos desigual, já que, ao final, conclui com a ideia de que não é a superpopulação em si o problema, mas sim todas as consequências geradas por ela, como a má distribuição de renda e de alimentos.

Também Luiza, de um modo geral, melhorou seu texto ao reescrevê-lo. Já no título percebemos uma diferença: ela o mudou porque na primeira versão não tratou do futuro da superpopulação. Deu agora um título coerente com o que aborda no texto, respondendo que não é a superpopulação o problema (infelizmente essa ideia só vem explícita na conclusão), mas tudo o que dela decorre, como o que foi tratado no seu segundo parágrafo – a desigualdade de renda, a precariedade de condições de vida e a escassez de alimentos. Atende, assim, à terceira competência da redação do ENEM (selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista). A reescrita do segundo parágrafo parece estar mais a serviço de sua tese, pois discute que a medida adotada pela China não obteve o resultado esperado porque não incidiu sobre os efeitos causados pela superpopulação. Ao trazer essa informação, Luiza também atende à segunda competência (compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para

desenvolver o tema, dentro dos limites estruturais do texto dissertativo-argumentativo, já que demonstra um conhecimento geográfico. Ademais, utiliza, na nova versão, mais nexos, os quais encadeiam as frases e os parágrafos e apresenta poucos desvios gramaticais, atendendo, respectivamente, à quarta (demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação) e primeira (demonstrar domínio da norma culta da língua escrita) competências. Por levantar possíveis soluções para resolver os problemas decorrentes da superpopulação, como melhor distribuição de alimentos, Luiza atende à quinta e última competência do ENEM (elaborar proposta de conscientização para o problema abordado, demonstrando respeito aos direitos humanos).

Conclusão

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo auxiliar estudantes que farão o Exame Nacional de Ensino Médio a melhorarem, por meio da reescrita, suas práticas textuais. Acredito que sempre se deve dar ao aluno a oportunidade de reescrever já que, segundo os Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul,

Escrever é reescrever. Até que estejamos satisfeitos com o resultado da atividade de escrita, várias reelaborações são feitas: esse é um processo corriqueiro no cotidiano daqueles que escrevem, para as mais diferentes finalidades e nos mais diferentes contextos. (Referenciais Curriculares do Rio Grande do Sul, 2009, p. 66)

Assim, é fundamental em qualquer sala de aula (de escola, de pré-vestibulares e até de universidades), pois escrever está no nosso cotidiano e sempre estará. É importante que se redobre sobre o texto e se questione se ele atende àquilo que se queria cumprir; se nele não sobra ou falta algo e se a ordem das ideias apresentadas encaminha o leitor para o convencimento a que se propôs.

Nos encontros, foi perceptível que o produto do trabalho da produção de texto de cada aluno era visto como diferente a cada nova leitura de cada colega, visto que o processo dialógico que se dava era sempre diverso: cada olhar sob o texto traz consigo uma bagagem que se mistura com a bagagem contida no texto lido. Portanto, a leitura dos textos não foi somente reconhecimento e produção de sentidos, nem uma leitura que oculta, que apaga, que substitui uma outra. Cada leitura “são mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecitura do mesmo e outro bordado” (GERALDI, 1993, p. 166).

Objetivou-se formar escritores competentes, capazes de, sem ajuda externa, olharem para as suas produções e reconhecerem suas competências e suas faltas, pois, conforme afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais

Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento. É, ainda, um leitor competente, capaz de

recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 48)

Também pretendeu auxiliar os professores de Língua Portuguesa e de Produção Textual, principalmente aqueles que têm alunos em idade de prestar o ENEM, em suas práticas preparatórias para o tipo de texto que essa prova requer.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **A redação no ENEM 2013: Guia do Participante.**

GERALDI, João Wanderley. **Portos de Passagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação à produção textual: o ensino da escrita.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem.** São Paulo: Cortez, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa.** Brasília, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento pedagógico. **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: linguagens, códigos e suas tecnologias.** Vol. 1. Porto Alegre: SEDUCRS/DP, 2009.

Anexo 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS



Eu, Suzana Silva dos Santos,
inscrito(a) no CPF nº 78275431034, venho por meio deste autorizar
que a produção textual de minha filha Alicia Santos Topá, inscrita no CPF nº
03184311066, realizada, em março de 2016, no Laboratório de Redação
do curso Anglo Pré-Vestibular sob mediação de Ana Paula Anghinoni Ramos, graduanda em
Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inscrita no CPF nº 031.114.780-17,
seja utilizada única e exclusivamente para fins de pesquisa junto ao Trabalho de Conclusão
de Curso da referida graduanda, o qual é requisito parcial à obtenção do título de licenciada.

Suzana Santos
Assinatura do Responsável

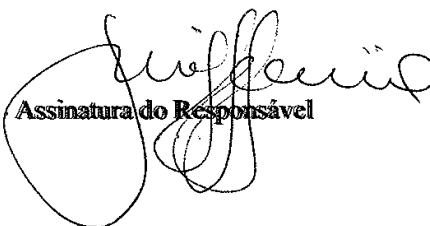
Anexo 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS



Eu, Simone Helena Kramer,
inscrito(a) no CPF nº 430 478 900 - 72, venho por meio deste autorizar
que a produção textual de minha filha Luiza Ferreira Kramer, inscrita no CPF nº
026 182 340 - 06, realizada, em março de 2016, no Laboratório de Redação
do curso Anglo Pré-Vestibular sob mediação de Ana Paula Anghinoni Ramos, graduanda em
Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, inscrita no CPF nº 031.114.780-17,
seja utilizada única e exclusivamente para fins de pesquisa junto ao Trabalho de Conclusão
de Curso da referida graduanda, o qual é requisito parcial à obtenção do título de licenciada.


Assinatura do Responsável

Anexo 3

REDAÇÃO

Leia os textos seguintes.

Texto 1

Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher. Deus os abençoou: “Frutificai, disse ele, e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra.”

(*Bíblia Sagrada*, Editora Ave-Maria.)

Texto 2

(*Folha de S.Paulo*, 2002.)

*Texto 3***MILLÔP**

Chega, irmãos! Não procurem a origem da violência, do cinismo, da falta de ética, da corrupção, das guerras, locais e internacionais, em razões, sempre irracionais. Olhem em volta. Todo o mal do mundo está na superpopulação. Seis bilhões e trezentos milhões de pessoas! Vocês já são trezentos milhões de pessoas a mais! Repito: olhem em volta!



(<http://veja.abril.com.br/080807/imagens/millor2.>)

Texto 4

Inflação humana

Aconteceu tudo em tempo recorde. Num abrir e fechar de olhos, a contar no relógio da História da espécie, ou numa fração infinitesimal disso, no calendário da História do planeta, o homem disse adeus a um modo de vida que inventara há uns 10 mil anos, quando pela primeira vez plantou uma semente, e escolheu crescer e multiplicar-se em aglomerações de pedra e cal – as cidades, um mundo de maravilhas, mas também um mundo literalmente à parte da natureza desta Terra. (...)

Na vertente ecológica, o aumento acelerado da população mundial – que simplesmente dobrou (...) em menos de quarenta anos – é apontado como principal responsável pelos desastres acumulados que ameaçam a vida na Terra, desde o efeito estufa até a extinção em escala sem precedentes de espécies animais e vegetais, do buraco na camada de ozônio ao esgotamento dos solos e de recursos minerais. Um desses serviços, ameaçados não só pelo aumento físico das populações como também pelas condições em que se dá a expansão da presença humana na Terra, é o que determina a qualidade da mistura de gases na atmosfera. (...)

A água potável, outro recurso natural não renovável, tampouco fica imune à superpopulação. Mais gente, logicamente, usa mais água – e a velocidade do crescimento do consumo já é maior que o tempo necessário à recuperação dos mananciais. (...)

De todas as doenças que acometem a metrópole, nenhum sintoma parece tão desconfortável como o sufoco no trânsito que asfixia o cotidiano de ricos e pobres e para o qual não há medicamento eficaz à vista em parte alguma – a menos que se adotassem cirurgias sociais tão severas que atropelariam o sagrado direito de ir e vir.

Onde foi que homem errou, ao ocupar tanto e de forma tão desigual a superfície do planeta? Eis uma questão sujeita a chuvas e trovoadas, para a qual os especialistas oferecem as mais disparatadas explicações, muitas vezes em função das idéias políticas de cada um. Os conservadores, por exemplo, dirão que a culpa é dos pobres, sempre tão férteis e tão imprevidentes. Os progressistas acusarão as injustiças na distribuição da renda, tanto dentro de cada país como entre os países. Para além dessas simplificações, no entanto, pode-se dizer com alguma margem de confiança que tudo começou com os avanços da Medicina.

(<http://super.abril.com.br/superarquivo/1989/>. Adaptado.)

*Texto 5**Superpopulação: Problema ou solução?*

As famílias de antigamente costumavam ser bem numerosas, e isso gerava o famoso comentário de que se essas famílias não se preocupassem com o controle de natalidade, os índices de miséria aumentariam consideravelmente.

Não contesto a teoria, afinal são muitas bocas para serem alimentadas, muitos cadernos e livros a serem comprados, e no futuro muitas pessoas para serem empregadas... Então, seria o controle da natalidade, a solução para os problemas sociais do terceiro mundo?

Mas existe um aspecto contraditório, porém verdadeiro. Os países europeus, que tiveram um “boom” econômico com o fim da 2ª Guerra Mundial, experimentaram uma preocupante queda da natalidade após essa melhoria de vida. São o que chamamos de países de idosos...

Por outro lado, países com superpopulação tendem a dominar a economia no futuro. Certamente você já ouviu falar na sigla BRIC... Mas aqui eu fecho a idéia do post. Brasil, Rússia, Índia e China serão no conjunto a maior potência econômica mundial em 40 anos. A China já dá sinais bem claros de que pode atingir esse posto bem antes, mas aqui no Brasil se discute a possibilidade de crescer 3,5%... Mas pensando com otimismo, se o PIB desses 4 países for mesmo o maior do mundo no futuro, nem assim dá para concluir que essa característica de ser superpovoado indique maior renda por habitante. É a maldita má distribuição!!!

(<http://legendaurbana.blogspot.com/2006/>. Adaptado.)

Com base nas informações, elabore um texto dissertativo, na norma padrão da Língua Portuguesa, argumentando sobre:

**DE QUE FORMA A HUMANIDADE DEVE TRATAR
A REALIDADE DA SUPERPOPULAÇÃO.**